



Educação & Sociedade

ISSN: 0101-7330

revista@cedes.unicamp.br

Centro de Estudos Educação e
Sociedade

Brasil

Coutinho Cotanda, Fernando

A POLISSEMIÁ DOS CONCEITOS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A SOCIOLOGIA: OS
USOS DO TERMO “SISTEMA”

Educação & Sociedade, vol. 35, núm. 128, julio-septiembre, 2014, pp. 829-842

Centro de Estudos Educação e Sociedade
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87335769011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A POLISSEMIA DOS CONCEITOS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A SOCIOLOGIA: OS USOS DO TERMO “SISTEMA”

FERNANDO COUTINHO COTANDA *

RESUMO: No presente artigo, examinamos a polissemia do termo “sistema” na Sociologia, com o propósito de demonstrar que o processo comunicacional, inescapável na prática científica, se fragiliza e, por vezes, se impossibilita se os termos empregados forem tomados fora das orientações teóricas e epistemológicas do autor. Acreditamos que a polissemia, fenômeno de ocorrência habitual na vida cotidiana, tem seus efeitos negativos amplificados quando se trata de termos que, no contexto argumentativo, possuem *status* de conceito. O emprego da palavra não garante por si só o compartilhamento intersubjetivo de significados, podendo ocorrer a produção de significados não desejada por aqueles que buscam se comunicar. Por outro lado, buscar um significado unívoco, sem ambiguidades e sem polissemias, para termos que operam abstrações significativas nas Ciências Sociais nos parece improvável, senão impossível.

Palavras-chave: Teoria sociológica. Sistema. Polissemia.

THE POLYSEMY OF CONCEPTS AND THEIR IMPLICATIONS FOR SOCIOLOGY: THE USES OF THE TERM “SYSTEM”

ABSTRACT: In this article, we examine the polysemy of the term “system” in Sociology, with the purpose of showing that the communication process, inescapable in scientific practice, weakens and, sometimes is even impeded, if the terms employed are taken out of the theoretical and epistemological orientations of the author. We believe that polysemy, a phenomenon of habitual occurrence in everyday life, has its negative effects amplified when considered in relation to terms that, in the argumentative context, have the status of concepts. The use of a word does not, in itself, guarantee intersubjective sharing of its meaning and might result in the production of meanings which were not intended by those who seek to communicate. On the other hand, the search for a univocal, unambiguous, clear-cut meaning for terms that operate significant abstractions in the Social Sciences seems unlikely, if not impossible.

Keywords: Sociological theory. Systems. Polysemy.

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Sociologia, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *E-mail* de contato: cotanda@portoweb.com.br.

**LA POLYSÉMIE DES CONCEPTS ET SES IMPLICATIONS EN SOCIOLOGIE:
LES USAGES DU TERME "SYSTÈME"**

RÉSUMÉ: Dans cet article, nous examinons la polysémie du terme “système” en Sociologie, afin de démontrer que le processus de communication, incontournable dans la pratique scientifique, affaiblit et devient même impossible si les termes employés ne s’inscrivent pas dans le cadre des orientations théoriques et épistémologiques de l’auteur. Nous croyons que la polysémie, ce phénomène habituel dans la vie quotidienne, a ses effets négatifs amplifiés lorsque les termes ont, dans le contexte argumentatif, un statut de concept. L’emploi du mot n’assure pas en lui-même le partage intersubjectif de sens, il est donc susceptible de produire des sens non souhaités par ceux qui cherchent à se communiquer. De l’autre côté, il nous semble improbable, voire impossible, de chercher un sens univoque, sans ambiguïté et sans polysémie à des termes qui opèrent des abstractions importantes dans les sciences sociales.

Mots-clés: Théorie sociologique. Système. Polysémie.

Na atividade cotidiana de pesquisa em Ciências Humanas é comum encontrarmos inúmeros termos cujos significados são polissêmicos. Vocábulos como “identidade”, “estrutura”, “moral”, “cultura”, “ação”, dentre outros, são motivos de significativos “ruídos” na comunicação científica. Acreditamos que a polissemia, fenômeno de ocorrência habitual na vida cotidiana, tem seus efeitos negativos amplificados quando se trata de termos que, no contexto argumentativo, possuem *status* de conceito. Frequentemente, deparamo-nos com evidências de que o emprego da palavra não garante por si só o compartilhamento intersubjetivo de significados, podendo ocorrer a produção de significados não desejada por aqueles que buscam se comunicar. Por outro lado, buscar um significado unívoco, sem ambiguidades e sem polissemias, para termos que operam abstrações significativas nas Ciências Sociais nos parece improvável, senão impossível. Improvável porque o que confere sentido aos termos abstratos, as generalizações, é a teoria, e esta, nas Ciências Sociais, é inescapavelmente plural.

No contato que realizamos com o léxico resultante das pesquisas e das teorias sociológicas não examinamos “abstrações flutuantes” (ALEXANDER, 1992, p. 11), mas obras de pesquisadores que viveram num determinado contexto histórico e produziram a partir de um “ponto de vista” epistêmico e teórico. Além da referida pluralidade teórica, outro fator que contribui para a ampliação das polissemias relaciona-se com o que Anthony Giddens (1978) nominou de “dupla hermenêutica” das Ciências Sociais. A sociologia reinterpreta os sentidos das ações dos agentes sociais a partir dos seus conceitos; não só constrói um saber sobre a vida social, mas muitos de seus conceitos são incorporados na linguagem cotidiana. O

resultado é que o léxico sociológico é constantemente reinserido na vida cotidiana, produzindo um número maior de significados, ampliando, portanto, a polissemia.

No presente artigo, examinaremos a polissemia do termo “sistema” na Sociologia, com o propósito de demonstrar que o processo comunicacional, inescapável na prática científica, se fragiliza e, por vezes, se impossibilita se os termos empregados forem tomados fora das orientações teóricas e epistemológicas do autor.

A palavra *sistema* (*systema*) remonta à antiguidade clássica¹, designando certa quantidade de elementos vistos como um todo, partes diversas de um mesmo corpo, um conjunto. O uso atual e mais frequente que fazemos do termo, nas Ciências Sociais, indica genericamente a existência de conexões e relações de interdependência entre as ocorrências sociais. Com esta conotação, o termo começa a ser empregado com o ingresso da Europa na Idade Moderna.

Seu uso se amplia na medida exata em que o *Ancient regime* e as estruturas normativas do cristianismo entram em declínio. As forças liberadas pela modernidade irão gradativamente tornar visíveis, a contingentes cada vez maiores de pessoas, a existência da trama de relações entre pessoas e instituições, estruturas subjacentes, nexos e conexões nas mais diferentes expressões da vida humana. Em meio ao florescimento do capitalismo, o olhar dos homens e das mulheres começa a atravessar a opacidade político-religiosa das sociedades tradicionais. A percepção da existência de relações, de nexos e de interdependências entre os objetos da realidade é a porta de entrada para o uso do termo *sistema* na modernidade.

As teorias ligadas ao racionalismo e ao empirismo, veiculadas através de inúmeros pensadores como Francis Bacon, René Descarte, Thomas Hobbes, John Locke, Isaac Newton, dentre outros, valorizaram a apreensão das relações entre os objetos, naturais ou simbólicos, inclusive como forma de mensurá-los.

Disciplinas como Biologia, Mecânica e Física irão cada vez mais formular objetos de estudo mediados por um enquadramento sistêmico da realidade, buscando nexos internos e relações de interdependência. Essas disciplinas, por sua vez, influenciarão a forma pela qual os pensadores sociais irão representar a vida social.

A difusão dos paradigmas da Física, da Mecânica e da Fisiologia produzirá um enorme impacto na forma pela qual se fará o enquadramento analítico da vida social. Figuras precursoras das Ciências Sociais, como Saint-Simon (1760-1825), Augusto Comte (1798-1857) e Herbert Spencer (1820-1903) fizeram uso destacado do termo *sistema* para poder identificar as novas configurações da vida social constitutivas da modernidade, conforme o título de algumas de suas obras². A nova sociedade é tomada por estes autores como uma totalidade orgânica, sistemática.

[...] À medida que ela [a sociedade] cresce, suas partes tornam-se dessemelhantes, sua estrutura fica mais complicada e as partes dessemelhantes assumem funções também dessemelhantes. Essas funções não são somente diferentes: suas diferenças são unidas por via de relações que as tornam possíveis umas pelas outras. A assistência que mutuamente se prestam acarreta uma mútua dependência das partes. Finalmente, as partes unidas por esse liame de dependência mútua, vivendo uma pela outra e uma para a outra, compõem um agregado constituído segundo o mesmo princípio geral de um organismo individual. A analogia de uma sociedade como um organismo torna-se, ainda, mais surpreendente quando se vê que todo o organismo de apreciável volume é uma sociedade [...]. (SPENCER, 1977, p. 148-149)

O *sistema* social, além de aberto à inteligibilidade racional, estaria, assim como os organismos biológicos, sujeito a leis de funcionamento. A ideia de que é possível conhecer as causas e os efeitos dos fenômenos materiais da vida também seria estendida à sociedade. Supunha-se que isto possibilitaria aos homens governar e controlar os rumos da vida social.

Karl Marx (1818–1883) concebe a sociedade percebendo que os seus elementos constitutivos estão em estreito processo de interdependência, formando uma totalidade, e, em cada uma das partes, as características da totalidade se refletem. No prefácio de *Para a crítica da economia política*, Marx (1991, p.27) faz uso do termo que ora abordamos, ao tratar do “*sistema* da economia burguesa”, assim como no *Manifesto Comunista*, aludindo à turbulência da vida moderna: “Essa subversão contínua da produção, esse abalo constante de todo o **sistema social**, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes.”. (MARX; ENGELS, 1998, p. 43, grifo nosso)

Para Marx, dimensões da vida social, tais como a política, a estrutura normativa jurídica, a ideologia, as relações de produção e as forças produtivas, estão inter-relacionadas e formam uma totalidade. Em cada uma das partes desta totalidade reflete-se o todo. Do ponto de vista teórico, o “ponto cardinal”³ de um *sistema* social a ser destacado são as relações de produção e os sujeitos a ela associados, as classes sociais.

Vilfredo Pareto (1848-1923), sociólogo e economista italiano, por sua vez, talvez tenha sido um dos primeiros autores consagrados da Sociologia – na condição de disciplina institucionalizada – a trabalhar com a intenção de criar uma teoria dos *sistemas* sociais. Suas pretensões contribuíram para a criação de um novo significado do termo para a Sociologia, distinto da conotação ampla e genérica que possuía até então: “[...] seja pequeno ou grande o número de elementos que consideremos, supomos que constituem um *sistema* que chamaremos de *sistema social*, e nos propomos a estudar suas propriedades.” (PARETO, 1967, p. 79)

Em 1916 escreveu seu livro mais conhecido, *Tratado de Sociologia Geral*, no qual estuda a natureza das relações entre a ação individual e a coletiva. Neste livro, Pareto rejeita a relação de causa e efeito própria do positivismo, assumindo o ponto de vista segundo o qual os fenômenos sociais são inteligíveis a partir de múltiplos fatores explicativos, além de destacar a ideia de interdependência e reciprocidade dos fatores implicados na explicação sociológica.

A forma da sociedade está determinada por todos os elementos que atuam sobre ela e, uma vez determinada, é ela quem atua sobre os elementos; por conseguinte, se pode dizer que se produz uma mútua determinação. (PARETO, 1967, p. 77)

Na obra de Pareto, a noção de causalidade dá lugar à de relações funcionais e os indivíduos na sociedade aparecem como “moléculas dos sistemas sociais”. (PARETO, 1967, p. 88)

Vilfredo Pareto rejeita a ideia de leis de evolução lineares, afirmando que as sociedades vivem incessantes flutuações. Entretanto, as mudanças são sempre seguidas de um movimento em direção a um estado original.

O estado real, estático ou dinâmico do sistema está determinado por suas condições. Suponhamos que, artificialmente se opere alguma modificação em sua forma [...] imediatamente se seguirá uma reação no sentido de conduzir a forma mutável ao seu estado primitivo. (PARETO, 1967, p. 79)

Mas é na obra de Talcott Parsons (1902-1979), e mais recentemente na de Niklas Luhmann (1927-1998), que encontraremos uma sólida construção teórica em torno da noção de *sistema*. Os dois autores, cada um a seu modo, farão uso do termo *sistema* para expressar uma “teoria”, a *teoria dos sistemas sociais*.⁴

Talcott Parsons empregou conceitos e postulados tomados diretamente de Ludwig Von Bertalanffy (1901-1972), criador da *Teoria Geral dos Sistemas*: as *funções de controle e regulação*, o *intercâmbio de informações com o ambiente externo*, a necessidade de um *centro de governo do sistema*, dentre outros.⁵

Talcott Parsons escolhe, no seu fazer sociológico, um caminho oposto ao da sociologia de inflexão empirista que figurava à época com forte presença nas universidades norte-americanas⁶. Preocupou-se menos com a problematização de dimensões empíricas da realidade, direcionando sua energia intelectual para a elaboração de uma teoria marcadamente abstrata sobre o funcionamento da sociedade. O foco exclusivo na produção teórica levou muitos cientistas sociais a questionar se Parsons concebia a Sociologia como uma ciência empírica. Conforme Villalva,

[...] a realidade que definitivamente interessa a Parsons não é a fenomênica, senão a estrutural: uma realidade profunda e ordenada, coerente com a ordem racional dos conceitos, e que recebe destes seu sentido. (GINER, 2003, p. 81)

A teoria dos *sistemas*, na obra de Parsons, além de extensa e de possuir pretensões totalizantes, foi sendo alterada e complementada com o passar do tempo. O resultado é a existência de uma teoria cujo entendimento, em sua integralidade, requer esforço adicional por parte daquele que pretende compreendê-la.

No livro *The Social System* (1951) afirma que as bases do equilíbrio da sociedade descansam na interação contínua de quatro subsistemas: o *comportamental*, o da *personalidade*, o *social* e o *cultural*, que exerciam funções chave para o funcionamento da sociedade: de adaptação, de realização de objetivos, de integração e de manutenção de padrões.

Diferenciando-se de Pareto, e retomando Emile Durkheim, Parsons postula que a ação dos sujeitos sociais não é orientada por “sentimentos”, uma vez que ela surge da socialização e dos modelos normativos de cultura. Para Parsons, as mudanças que ocorrem na sociedade e produzem alterações no seu equilíbrio serão, por força de reações, levadas novamente ao estado inicial, a não ser que sejam portadoras de força suficiente para provocar uma mudança na estrutura do *sistema*. O equilíbrio é o estado preferencial do *sistema* social.

O *estrutural-funcionalismo* de Parsons experimentou um declínio nos 1960 após um período de presença hegemônica na produção sociológica.

Niklas Luhmann (1927-1998), sociólogo alemão, é contemporaneamente o nome mais fortemente associado à teoria dos *sistemas*. As polêmicas com o pensamento de Habermas e a criação de uma teoria renovada dos *sistemas* sociais garantem a Luhmann uma presença de destaque na sociologia contemporânea. Autor de um conjunto de obras que inovaram a sociologia sistêmica, sua divulgação na América Latina está aquém da importância que ele adquiriu na Europa. Seu programa de investigação consiste no intento de reformular a teoria dos *sistemas* sociais, à luz do desenvolvimento alcançado pela teoria geral dos *sistemas*, incorporando contribuições de outros autores, como Humberto Maturana, biólogo chileno, de quem toma o conceito de *sistemas* autopoieticos.

A obra de Luhmann vale-se de numerosos conceitos⁷, com os quais constrói seu arcabouço interpretativo da vida em sociedade. Destaca-se, sobretudo, o uso que faz, no interior do pensamento sistêmico, dos conceitos de comunicação e de autopoiesis.

A comunicação é o dispositivo fundamental da dinâmica evolutiva dos *sistemas* sociais. Destina-se a produzir a eficácia simbólica generalizante que torna possível a regularização da vida social sob a forma de uma organização sistêmica

e, ao mesmo tempo, cria condições de estabilidade favoráveis ao seu desenvolvimento. A comunicação, no interior do *sistema*, opera selecionando apenas uma quantidade limitada de informação disponível no exterior. O critério pelo qual a informação é selecionada e processada é o sentido (*Sinn*).

Para Niklas Luhmann, um *sistema* é autorreferente na medida em que tem a capacidade de estabelecer relações consigo mesmo e de diferenciá-las das relações com o entorno. Autopoiese significa, etimologicamente, autocriação. Os *sistemas autopoiéticos* se caracterizam pela “clausura operativa” (*operative Schließung*).

O enquadramento sociológico da realidade contemporânea promovido por este autor propõe romper com as análises estruturais que tomam os elementos constitutivos da sociedade isoladamente. Estão em jogo as relações entre os elementos e as funções exercidas no conjunto comunicativo dos *sistemas*. Conforme Luhmann, um *sistema* não existe de forma independente do entorno. As operações são internas, mas existem várias formas de interdependência entre *sistema* e entorno. Os *sistemas* sociais geram e reproduzem a si mesmos.

Afirmar que a Sociologia tem como núcleo o estudo da “relação entre indivíduo e sociedade” soaria estranho para a teoria de Luhmann. De acordo com seu enfoque sistêmico da ação humana, as pessoas não são controladas por sistemas, pois são elas mesmas uma conexão, um acoplamento entre sistemas sociais e sistemas psíquicos. O sentido da ação, entretanto, é anterior ao sujeito, é sistêmico, já que é originado por sua adaptação funcional, e não pelos sujeitos que a realizam.

Até aqui, referimos, de forma breve, que Vilfredo Pareto, Talcott Parsons e Niklas Luhmann, cada um a seu modo, fizeram da ideia de *sistema* o centro de teorias sociológicas de amplo escopo. Entretanto, a maior parte dos autores contemporâneos faz uso do termo *sistema* apenas como forma de remeter à presença de complexas relações de interdependência e de influência recíproca entre elementos constitutivos da vida nas sociedades modernas.

Anthony Giddens, a exemplo do que referimos anteriormente, ainda que tenha feito uso frequente do termo, confere a ele contornos distintos comparativamente ao uso feito por autores como Parsons e Luhmann. A ideia de *sistema* na obra de Giddens não ocupa um centro organizador da teoria sociológica. Em uma definição sumária, afirma que *sistema social* é “A padronização de relações sociais ao longo do tempo-espacó, entendidas como práticas reproduzidas”. (GIDDENS, 1989, p. 305)

Ainda criticando o que chamou de “nocivos pressupostos nas ciências sociais”, afirma que:

'Sistema social' tendia a ser uma expressão favorita dos funcionalistas, que raramente abandonaram por completo as analogias orgânicas, e dos ‘teóricos do sistema’, que tinham em mente sistemas físicos ou, uma vez mais, alguns tipos de formação biológica. (GIDDENS, 1989, p. 135)

Além disso, o autor problematizou a ideia, decorrente desta associação com *sistemas biológicos*, de que a mudança e a estabilidade nas sociedades seriam governadas por estruturas internas a elas, perdendo de vista, portanto, a dimensão relacional entre distintas sociedades.

[...] as totalidades sociais só são encontradas dentro do contexto de sistemas intersociais distribuídos ao longo das extremidades do tempo-espacô. [...] Todas as sociedades são sistemas sociais e, ao mesmo tempo, constituídas pela interseção de múltiplos sistemas sociais. Estes podem ser totalmente “internos” às sociedades ou transpor as linhas divisórias entre o “interior” e o “exterior”, formando uma diversidade de possíveis modos de conexão entre totalidades sociais e sistemas intersociais.”. (GIDDENS, 1989, p. 134-135)

Pierre Bourdieu (1930-2002), embora tenha feito uso do termo *sistema*, discorda da ideia de que exista uma estrutura (*sistema*) dotada de dinâmica própria, que atuaria segundo leis e padrões universais a serem apreendidos pela pesquisa sociológica. A “explicação sociológica” de Bourdieu, embora apreenda a existência de um *espaço social estruturado*, procura evidenciar que esta estrutura e sua dinâmica são definidas pelas posições e relações contingentes que ocorrem em um contexto relacional específico. Neste sentido, há o abandono do objetivo de busca de “leis gerais” de funcionamento da vida social.

Bernard Lahire, conhecido por realizar “prolongamentos críticos” da obra de Pierre Bourdieu, emprega recorrentemente o termo *sistema*, notadamente em seus estudos sobre a educação na França. Contudo, no exame de um registro específico, a formulação do conceito de *habitus* por parte de Bourdieu, posiciona-se criticamente quanto ao emprego daquele vocabulário. Lahire aponta os limites de tratar o conceito de *habitus* como um “*sistema de disposiciones*”.

Lo definió como un sistema de disposiciones a hacer, a pensar, a sentir y a actuar de una determinada manera, en las situaciones más ordinarias de la vida cotidiana. Este sistema de disposiciones es durable y transferible. Hay varios problemas con esa definición. El primero es la idea de “**sistema**”. Bourdieu sosténía que el conjunto de disposiciones conforma un sistema, que las disposiciones están todas ligadas entre sí y que se transfieren de una situación a otra. El mismo *habitus* actúa en circunstancias

muy diferentes. Esto supone la homogeneidad de las experiencias socializadoras comunes. Mi primer problema es justamente con esa homogeneidad.” (LAHIRE, 2012, p. 72)

Se Lahire aplicasse o mesmo rigor empregado na significação da palavra ao funcionamento das escolas na França, provavelmente não encontraria ali um *système scolaire, système d'éducation.* (LAHIRE, 1995; 1993)

Norbert Elias (1897-1990), por sua vez, prefere deliberadamente não fazer uso do termo *sistema* e raramente encontramos a expressão nas traduções de língua portuguesa. Elias é um crítico agudo de vários postulados da teoria sociológica de Talcott Parsons e um eixo comum na sua crítica é o emprego da concepção sistêmica do funcionamento da sociedade. Segundo Elias, o emprego do termo “*sistema*”, realizado por Parsons, denota uma concepção específica de sociedade.

Este concepto expresa de modo muy claro lo que tales autores creen que es la “sociedad”. Un “sistema social” es una sociedad en equilibrio. De vez en cuando se producen pequeñas oscilaciones de este equilibrio; pero, normalmente, la sociedad se encuentra en estado de reposo. Todas sus partes, según suponen estos autores, se acoplan armónicamente en situación de normalidad. Todos los individuos pertenecientes a la sociedad también se acoplan normalmente al mismo tipo de normas por medio de un mismo proceso de socialización. Habitualmente, todos los individuos están bien integrados, siguen los mismos valores en sus actuaciones, cumplen las mismas funciones sin dificultades, no tienen por qué entrar en conflictos mutuos en situación normal. Las manifestaciones de perturbación son como cambios del sistema. En resumen: la imagen de la sociedad, que encuentra una expresión teórica representativa en este concepto del sistema social, resulta ser, vista más de cerca, la imagen ideal de una nación, ya que todos los individuos que a ella pertenecen han tenido la misma socialización, siguen las mismas normas, aspiran a los mismos valores y, en consecuencia, en situación de normalidad, conviven en perfecta integración y armonía. (ELIAS, 1993, p. 28)

A ideia de que a mudança social deve ser tomada como sinônimo de desordem, por exemplo, é vista da seguinte forma por Elias:

[...] teóricos da sociologia, como por exemplo Talcott Parsons, consideram a estabilidade e a imutabilidade como características normais de um sistema social, e a mudança apenas como consequência de perturbações do estado normal de equilíbrio das sociedades. (ELIAS, 2005, p. 125)

Porém, sua mais veemente discordância quanto ao uso do termo *sistema* está associada ao emprego pouco crítico que fazemos dos “instrumentos de comunicação e de pensamento” que estão, segundo ele, associados a estruturas tradicionais de pensamento e linguagem. Norbert Elias toma emprestada a ideia de Benjamin Lee Whorf (1956), de que, sem percebermos, criamos distinções impróprias, tais como entre objetos e relações.

[...] a nossa língua obriga-nos a falar e a pensar como se todos os ‘objetos’ de pensamento – incluindo as pessoas – fossem na realidade estáticos. Também os considera como não estando implicados em relações. (ELIAS, 2005, p. 123)

Com alguma ironia, afirma que “A complexidade de muitas teorias sociológicas deve-se não à complexidade do campo de investigação que elas procuram investigar, mas do tipo de conceitos usados”. (ELIAS, 2005, p. 121)

A crítica de Norbert Elias ao uso do termo *sistema* dá-se em meio à sua intenção de chamar a atenção para “a necessidade de novos meios de falar e de pensar”. (ELIAS, 2005, p. 120) O autor destaca a existência de uma assimetria entre os recursos de linguagem de que dispomos na Sociologia e a complexidade da realidade e das tarefas exigidas.

[...] encontramos muitos termos que transmitem a idéias de referência a objetos isolados e parados; mas se examinarmos mais minuciosamente veremos que se referem a pessoas que estão ou estiveram constantemente em movimento e que se relacionam constantemente com outras pessoas. Pensemos em conceitos como norma e valor, estrutura e função, classe social e **sistema social**. O próprio conceito de sociedade tem características de objeto isolado em estado de repouso, assim como o conceito de natureza. O mesmo acontece com o conceito de indivíduo. Em consequência, tendemos sempre a fazer distinções conceptuais sem sentido, tais como ‘indivíduo a sociedade’, o que nos leva a pensar que ‘o indivíduo’ e a ‘sociedade’ são coisas separadas como mesas e cadeiras ou tachos e panelas.”. (ELIAS, 2005, p. 123, grifo nosso)

Elias propõe, abertamente, substituir a noção de *sistema* pela de *configuração*: “[...] ela [a noção de configuração] não evoca a idéia de uma entidade completamente fechada sobre si mesma ou dotada de uma harmonia imanente [...].” (ELIAS, 2001, p. 155)

Os exemplos de uso do termo “sistema” estendem-se indefinidamente ao limite das obras de referência em sociologia. O panorama que trouxemos até aqui

nos parece suficiente para tornar evidente a polissemia do termo e a necessidade de sempre tomá-lo no contexto teórico no qual foi enunciado. Por certo que essa observação vale para todos os termos significativos com conotação conceitual que utilizamos na prática científica, pois “[...] os conceitos são representações parciais da realidade necessariamente carregadas de intenções teóricas”. (NOGUEIRA et al., 2005, p. 122)

Vale referir que a elasticidade semântica de muitos termos, a exemplo de “sistema”, deve-se também à sua cada vez mais profunda inserção no espaço público e na vida cotidiana, o que contribui para a perda de sua capacidade de remeter a um conjunto limitado de fatos ou processos. Mais uma razão para requerer o esforço deliberado de produção de inteligibilidade – parte daquele que produz o texto e de parte daquele que o interpreta.

Sistemas não pertencem à ordem natural do funcionamento das coisas, não os encontraremos na natureza ou nas relações sociais. Conforme Maintz et al. (1993, p. 14), “Através de nossos conceitos ordenamos o mundo empírico, mas esta ordenação não tem por que corresponder necessariamente a uma estrutura objetiva da realidade.”.

Vimos que alguns autores consagrados nas ciências humanas empregam o termo “sistema” como uma ferramenta interpretativa que está no centro articulador de sua teoria, outros, de forma mais difusa; e ainda encontramos aqueles que, abertamente, assumem uma posição contrária ao seu uso. De qualquer forma, termos polissêmicos produzem significações não desejadas por aqueles que buscam se comunicar, trazendo implicações negativas para todos os envolvidos no processo comunicacional.

Qualquer texto científico tem seu destino orientado para a comunicação, e comunicar significa partilhar, pôr em comum. A comunicação é um processo que não depende apenas do entendimento que o emissor possui sobre os termos que são enunciados, também comprehende aquilo que o receptor do enunciado entendeu. A ausência de inteligibilidade comum entre aqueles que se comunicam tem seus efeitos negativos amplificados quando se trata de conceitos. Conforme Gibson e Brown (2009, p. 37),

[...] não é possível separar-se algumas palavras como se constituíssem conceitos e outras como se não constituíssem [...] uma palavra se torna conceito quando tratada como tal, isto é, quando é usada para fazer algum trabalho analítico.

A exemplo do termo “sistema”, as palavras, quando tomadas na sua acepção conceitual, não deveriam ser significadas fora das orientações teóricas e epistêmicas daqueles que o empregam.

Notas

1. O uso do termo *sistema* pode ser encontrado em pensadores como Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.); Platão (428 a.C. - 347 a.C.) e Hipócrates (460 a.C. - 377 a.C.).
2. Com a finalidade ilustrativa, mencionamos as obras *Curso de filosofia positiva* (posteriormente, renomeada para *Sistema de filosofia positiva*), escrita por August Comte; O *sistema industrial*, escrita por Saint-Simon, e *System of synthetic philosophy*, escrita por Herbert Spencer.
3. Trata-se de uma expressão utilizada por Friedrich Engels para apontar a relevância da dimensão econômica (não exclusiva de outras dimensões) na explicação dos fenômenos sociais. (ENGELS, 1985, p. 284-286)
4. A ideia de uma “teoria dos sistemas sociais” recebeu a influência da “Teoria Geral dos Sistemas”, formulada nos anos 50 pelo biólogo Ludwig Von Bertalanffy. Originalmente ligada à biologia, afirma-se como uma teoria de caráter geral, de modo que pudesse ser aplicada a fenômenos complexos com ocorrência em diversos campos do conhecimento, inclusive nas Ciências Humanas. A “Teoria Geral dos Sistemas” abrigava em seu horizonte a intenção de superar a compartmentalização do conhecimento, aplicando seus aportes analíticos a distintas disciplinas do conhecimento científico. As ideias do austriaco Ludwig von Bertalanffy tiveram forte influência sobre obra de Talcott Parsons e Niklas Luhmann.
5. Entre as principais obras de Talcott Parsons figuram: *Structure of Social Action* (1937); *Social System* (1952); *Structure and Process in Modern Societies* (1960); *Sociological Theory and Modern Society* (1968); *Politics and Social Structure* (1969); *Action, Theory and the Human Condition* (1978).
6. O empirismo quantificador na Sociologia anunciava-se como um caminho de reencontro com a tradição filosófica norte-americana, notadamente com a filosofia pragmatista.
7. Dentre outros termos que adquirem expressão conceitual na sua obra, destacamos: acoplamento estrutural, assimetrias, autorreferência, comunicação, complexidade, dimensões de sentido, evolução, expectativas, interação, interpenetração, meios de difusão, reflexão, sentido, sistema/entorno, sistema psíquico, tempo.

Referências

- ALEXANDER, J. C. *Las Teorías Sociológicas desde la segunda Guerra Mundial: análisis multidimensional*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1992.
- BERTALANFFY, L. Von. *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BIRNBAUM, P.; CHAZEL, F. *Teoria sociológica*. São Paulo: Hucitec, 1977.
- BOUDON, R.; BOURICARD, F. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Ática, 1993.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Ed Brasiliense, 1990.
- ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- _____. *Sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

- ELIAS, N. *El proceso de la civilización*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- ENGELS, F. Carta à Ernest Bloch de 21 de setembro de 1890. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Obras escolhidas*. v. 3. São Paulo: Alfa Omega, 1985.
- GIBSON, W.J.; BROWN, A.J. *Working with Qualitative Data*. London: Sage, 2009.
- GIDDENS, A. *Novas regras do método sociológico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- _____. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes. 1985.
- GINER, S. *Teoría sociológica moderna*. Barcelona: Ariel. 2003.
- LAHIRE, B. Socializaciones y disposiciones heterogéneas: sus vínculos con la escolarización. Entrevista a Bernard Lahire. *Revista Propuesta Educativa*, Buenos Aires, n. 30, año 21, jun. 2012. Disponível em <http://www.propuestaeducativa.flacso.org.ar/entrevista.php?num=30>. [Entrevista realizada por Victoria Gessaghi y María Alejandra Sendón].
- LAHIRE, B. *O homem plural: as molas da ação*. Lisboa: Instituto Piaget. 2001.
- _____. *El trabajo sociológico de Pierre Bourdieu*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno editores Argentina. 2005
- _____. *Culture écrite et inégalités scolaires*. L"échec scolaire" à l'école primaire. Lyon: PUL, 1993.
- _____. *Tableaux de familles*. Heurs et malheurs scolaires en milieux populaires. Paris: Gallimard/Seuil. 1995.
- LUHMANN, N. *Sistemas sociales*: Lineamientos para una teoría general. Barcelona: Anthropos Editorial Del Hombre. 1998.
- _____. *Introducción a la teoría de sistemas*. México: Editorial Antropos. 1996.
- _____. *La sociedad de la sociedad*. Barcelona: Editorial Herder, 2007.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998
- MARX, K. *Manuscritos económico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural. 1991.
- MATURANA, H.; VARELA, F. *De maquinas y seres vivos. Autopoésis*: La organización de lo vivo. Santiago do Chile: Editorial Universitaria. 1995.
- NOGUEIRA, L. C.; NOGUEIRA, M. A. C.; NAVARRO; J. M. *Metodología de las Ciencias Sociales*: una introducción crítica. Madrid: Editorial Tecnos. 2005.
- PARSONS, T. *The social system*. Glencoe III: Free Press, 2005.
- PARETO, V. *Forma y equilibrio sociales*. Madrid: Ediciones de la Revista de Occidente, 1967.
- SPENCER, H. Princípios de Sociologie. In: BIRNBAUM, P.; CHAZEL, F. *Teoría sociológica*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1977.
- WHORF, B. L. *Language thought and reality*. Cambridge: MIT Press, 1956.

A polissemia dos conceitos e suas implicações para a sociologia

WIITGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultura, 1996. [Coleção Os Pensadores]

Recebido em 09 de setembro de 2014.

Aprovado em 24 de outubro de 2014.